

## Por (para) uma Ciência Política: o Congresso Alacip<sup>1</sup>

*Wallace Faustino da Rocha Rodrigues*

A celebração dos 200 anos de independência da Argentina, sem sombra de dúvidas, faz suscitar uma série de questionamentos quanto aos processos políticos enfrentados pelo país em sua história. E, mais, não se trata somente de rememorar os aspectos envolvidos na formação do Estado Nação argentino, mas voltar-se para a América Latina como um todo e as singularidades por ela enfrentada para adentrar no cenário político moderno. Trata-se, sem dúvidas, de conseguir visualizar a configuração do sistema democrático em sua plenitude.

Neste caso, um ambiente como o formado pelo V Congresso Alacip<sup>2</sup> (Associação Latinoamericana de Ciência Política) – simbolicamente realizado em território portenho – é tido como uma oportunidade para a discussão dos rumos da política, e da Ciência Política, na América Latina. A insígnia sob a qual estão os debates é “Integração, diversidade e democracia em ano de Bicentenário”. Este bicentenário, claro, não é somente da Argentina. É também da Bolívia, Peru, Equador, Brasil, enfim, da América Latina em sua constituição social-econômica-política tardia diante de uma modernidade européia em tese adiantada tendo em vista os rumos da Revolução Industrial já no primeiro quartel do século XIX. Assim sendo, supõe-se que as três palavras chaves presentes na temática desenvolvida nesta edição do encontro da Alacip (integração, diversidade e democracia) tenham pesos equânimes. Mais, deveriam as duas primeiras ser discutidas antes da última como forma de se observar uma trajetória epistemológica para a discussão da política no continente latinoamericano.

Diante do quadro apresentado, merece destaque a conferência ministrada pelo professor Philippe Schmitter – “Micro-foundations for the science(s) of politics” – através da qual buscou tecer considerações quanto aos aspectos particulares existentes

---

<sup>1</sup> Crônica do V Congreso Latinoamericano de Ciencia Política Alacip, realizado entre os dias 28 e 30 de julho de 2010 na cidade de Buenos Aires, Argentina.

<sup>2</sup> O I Congresso Alacip ocorreu em Salamanca, na Espanha, entre os dias 9 e 11 de julho de 2002. O II, realizado na Cidade do México em 2004, datou-se entre os dias 29 de setembro e 1 de outubro. A terceira edição teve sede no Brasil, na Unicamp, entre os dias 4 e 6 de setembro de 2006. Já a edição precedente realizou-se em San José, na Costa Rica, entre os dias 5 e 7 de agosto de 2008. Basicamente, o tema da democracia e desigualdade no continente latinoamericano tem se mostrado comum em todas as edições. Ou seja, denota-se daí que prefigurar-se-ia um intenso debate epistemológico e científico acerca de tais problemas – característica de qualquer evento deste porte. Nota-se que este ano a proposta não foi diferente.

na Ciência Política, no que tange à diversidade de terrenos em que se encontra, sem desconsiderar, no entanto, as possíveis interfaces existentes entre aquilo que se estuda na Europa e na América Latina. Como professor do *European University Institute*, o professor Schmitter tentou chamar a atenção para uma preocupação, como dito, epistemológica por observar claramente os distintos terrenos em que operam as Ciências Políticas do Velho e do Novo Mundo. Isso porque, naturalmente, o processo de constituição de cada um dos continentes é absolutamente diverso, guardando particularidades, principalmente, quanto aos atores envolvidos em sua formação.

“La Ciencia Política en América Latina: miradas sobre El estado de La disciplina”, conferência ministrada pelos professores Fabiano Santos, Daniel Chasquetti e Miguel de Luca, caminha no mesmo sentido da observação da singularidade envolta no processo de formação de uma identidade política e social latinoamericana. Enfatizou-se, em suas falas, o necessário cuidado com o terreno que os estudos políticos devem ter neste caso. Foram citadas as trajetórias de Florestan Fernandes, no Brasil, Mariatégui, no Peru e Gino Germani, na Argentina. Buscou-se refletir sobre os seus trabalhos de identificação dos processos de modernização existentes no continente como referencial para a percepção do local em que se encontra a Ciência Política contemporânea. Ou seja, a sociedade latinoamericana não europeizou de uma hora para outra – se é que europeizou.

Merece destaque, igualmente, a conferência ministrada por Guillermo O’Donnell, da Universidad Nacional de San Martín, “Reflexiones sobre aspectos del Estado y La Democracia” em que enfatiza os problemas enfrentados pelo sistema democrático na contemporaneidade no nível estrutural do Estado moderno. Ora, como uma sociedade civil como a latinoamericana, a princípio destituída de alguns dos valores cunhados pelas revoluções burguesas, como a Gloriosa, a Revolução Americana e, claro, a Revolução Francesa, pode construir aparelhos hegemônicos suficientemente consolidados a ponto de conseguir garantir a existência de instituições representativas em proporções semelhantes àsquelas encontradas no Velho Mundo? E mais, como conseguir tal feito tendo em conta a existência de um aparato político como o Estado Moderno, este sim muito semelhante ao observado no continente europeu e na América do Norte? Eis o dilema imposto pelo cientista político argentino.

Os presentes escritos tentam chamar a atenção para a demonstração de um discurso acerca de uma politologia, ou melhor, as Ciências Sociais de um modo geral, engajada, de forma a ser perceptível a necessidade de se romper com potenciais analogias entre países colonizados e colonizadores na definição não só de seus processos de modernização, mas sim na constituição de suas instituições sociais e políticas como um todo. Tais palestrantes aqui enumerados possibilitaram indagações acerca do caminho tomado pela transformação capitalista e todo o seu subproduto em países que não romperam por completo com formas coloniais de exploração do trabalho e nos quais as classes dominantes se tornaram burguesas através e atrás do desenvolvimento do capitalismo. Na luta interna para a submissão das classes subalternas – que não eram propriamente classes, mas estamentos e castas – elas lutavam por converter formas coloniais de propriedade em formas capitalistas de propriedade e de apropriação social. O seu êxito engendrou uma transformação capitalista peculiar, que não pode ser esclarecida em função da desagregação do mundo feudal na Europa. A história não se “repetiu” porque não havia razão para que ela se repetisse. Tratava-se de uma outra história, a história do capitalismo nos países de origem colonial, hoje América Latina.

Obviamente, a democracia tal como fora idealizada pelas principais revoluções burguesas do Velho Continente e da América do Norte não poderia se repetir de uma forma completa na América Latina. Não por acaso a necessidade em observar-se as inconstâncias de suas instituições constantemente ameaçadas por atores de papel particular mas muito bem definido nos processos sociais aqui vivenciados. Não que deseja-se vangloriar a democracia tal como fora concebida ao longo dos últimos dois séculos na Europa, com sua estrutura e dinâmica capaz de possibilitar aos grupos em conflitos oportunidades de manifestação política e conscienciosa. Pelo contrário. Deseja-se antes de qualquer coisa atentar para as possibilidades adquiridas após a prévia, mas coerente, consideração das instituições sociais e políticas latinoamericanas entranhadas em sua sociedade.

Enfim, quem desfilou pelos corredores da UCA (Universidad Católica Argentina) e da UADE (Universidad Argentina de la Empresa), organizadoras do evento juntamente com a Sociedad Argentina de Analisis Político (SAAP), notou o cuidado em se tratar a questão da política em continente latinoamericano. Tem-se

constantemente a impressão de consolidação de um marco epistemológico para o trato do tema, levando a temática da política a uma relação causal, tendo em vista os processos modernizadores aqui verificados. Desponta, neste caso, a relação causal em que a política é colocada na segunda extremidade, tomando em conta o fato de não haver prejuízos em tal percepção para a sistematização de uma Ciência da política.

Entretanto, isso não é obstáculo para a existência de trabalhos tidos como compatíveis com uma lógica de pesquisa tipicamente européia, de colonizadores. A grande maioria das apresentações feitas por discentes, ao que consta no caderno de resumos e nos anais do evento, é provida de uma consonância entre tais alunos e a compreensão da Ciência Política e Sociologia a partir de um ângulo diverso do adequado para a investigação da América Latina em seus fenômenos político-sociais. Não se trata de recriminar, mas identificar o caráter altamente pedagógico existente no V Congresso Alacip. O discurso da autoridade faz-se valer a partir da referência acadêmica diante das falas de respeitados estudiosos que revelam uma forte preocupação quanto aos rumos das Ciências Políticas em solo latinoamericano.

Finalmente, à guisa de conclusão, talvez o principal ganho de um evento do porte da Alacip seja a possibilidade de identificação do papel do pesquisador diante da realidade na qual ele mesmo se encontra – uma Argentina, ou melhor, uma América Latina vivenciando seu bicentenário de independência. A juventude do continente permite a compreensão em um marco histórico, social e político de uma data como esta cria uma atmosfera propícia para que se pense o ato da pesquisa de forma a não reduzi-la ao caráter de subproduto, pontuando-a num espaço específico e adequado de forma a contribuir para o afloramento de um pensamento político efetivo condizente com a América Latina.